

DESENVOLVIMENTO DE IDENTIDADE E BEM-ESTAR PSICOLÓGICO: UM ESTUDO SOBRE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO

IDENTITY DEVELOPMENT AND PSYCHOLOGICAL WELL-BEING: A STUDY ON BODY, GENDER AND SEXUALITY IN PUBLIC EDUCATION

Letícia Bechtold Ebel¹
Simoni Urnau Bonfiglio²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo compreender como os conteúdos sobre corpo, gênero e sexualidade são abordados e influenciam no desenvolvimento da identidade e bem estar psicológico dos adolescentes inseridos na educação do ensino secundário. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica explicativa, com método estruturalista e de cunho qualitativo. Compreendemos a adolescência como um período não apenas de construções sociais, mas como uma etapa-chave para definição de um universo simbólico que gera um modo de pensar e agir subjetivo e individual. Ressalta-se que ao nos propormos falar sobre adolescência, estamos buscando a ampliação das visões tradicionais. Para isto, partiu-se do pressuposto de que a escola em si, seus arranjos e símbolos, seriam um espaço propício para favorecer diálogos a cerca do assunto, afinal, em seu papel, as instituições escolares instituem sentidos e constituem sujeitos, afetando assim no desenvolvimento bio-psico-social dos mesmos. Em análise, após constatar a dificuldade que pais e educadores possuem para atrelar estes assuntos à educação do jovem, propõe-se um projeto voltado para a escola, que por meio do grupo focal os jovens tivessem a oportunidade de discutir e compreender de forma mais abrangente o tema afim de ir ao encontro de si e de sua identidade individual desenvolvendo com isso seu bem estar psicológico.

Palavras-chave: Adolescência. Educação. Sexualidade. Corpo. Gênero.

ABSTRACT: This article aims to understand how the contents about body, gender and sexuality are approached and influence the development of the identity and psychological well being of the adolescents inserted in the education of secondary education. It is an explanatory bibliographical research, with a structuralist method and a qualitative one. We understand adolescence as a period not only of social constructions, but as a key stage in defining a symbolic universe that generates a subjective and individual way of thinking and acting. It is emphasized that when we propose to talk about adolescence, we are seeking the expansion of traditional visions. For this, it was assumed that the school itself, its arrangements and symbols, would be a propitious space to favor dialogues about the subject, after all, in its role, school institutions establish meanings and constitute subjects, thus affecting in the bio-psycho-social development. After analyzing the difficulty parents and educators have in linking these issues to the youth's education, a school-based project is proposed that, through the focus group, young people have the opportunity to discuss and comprehend more comprehensively the theme in order to meet him and his individual identity, thereby developing his psychological well-being.

Keywords: Adolescence. Education. Sexuality. Body. Genre.

¹ Psicóloga Clínica, formada pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. Atualmente Acadêmica do curso de Pós-graduação em Educação da UNIFEBE. *E-mail:* cabele44@hotmail.com.

² Doutoranda em Educação Científica e Tecnológica- PPGECT/ UFSC. Mestre em Educação- UFPB. Pós Graduada em Psicopedagogia- UNIVALI. Pós Graduada em Educação - Faculdade Ação. Graduação em Psicologia - UNIVALI. Docente universitária - UNIFEBE. *E-mail:* simonibon7@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é um fenômeno socialmente estabelecido, e que constitui-se a partir dos discursos sobre sexo. Conciliar a sexualidade junto à educação é um movimento que vem sendo trilhado desde os primórdios da escola brasileira. A história da educação no Brasil é pontuada por iniciativas, que quando encontram-se com a perspectiva de gênero, acabam por tornar-se uma problemática. Mesmo com o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que regulamentam o ensino educacional que aborde sexualidade e gênero, a prática instalou-se de forma confusa e conflituosa. As (in) compreensões relacionadas a diversidade sexual acarretam em um discurso docente evasivo e inseguro, e para a juventude constitui-se um pecado universal que nunca deveria ser vivido (CESAR, 2009).

Os adolescentes formam um grupo etário que de acordo com Torres; Beserra e Barroso (2007) transitam por mudanças biológicas, psíquicas e sociais. Este público sofre influências culturais que repercutem em seus comportamentos e atitudes frente as relações que estabelecem, questionando e contestando os valores aprendidos até então. De acordo com Silva *et al.* (2009, p. 01) “[...]em relação à sexualidade o adolescente vive muito angustiado e culposos porque se comporta ou tem anseios diferentes do que os pais recomendam em relação ao sexo”. Neste sentido, abordar sobre sexualidade não se trata de explorar o biológico, mas sim de algo mais complexo, pois este assunto engloba crenças e valores enraizados nos diferentes contextos. Está ligado a aspectos e momentos de constantes descobertas de si e do outro, na busca da compreensão que esta sexualidade não tem somente uma função reprodutora genital.

Um passo importante para naturalizar a sexualidade na adolescência, é a experimentação de um espaço que propicie discussão e questionamento, aprendizado e construção de novos saberes, um local que viabilize o desenvolvimento e ressignificação da identidade no que se refere a sexualidade e gênero. Este espaço pode ser desenvolvido em contextos específicos, como por exemplo, nas instituições escolares, onde o adolescente estabelece relações que diferenciam os grupos de acordo com ideias, valores, gênero, entre outros (SOARES, 2000).

No caso das escolas, as práticas educativas com relação a sexualidade, são apontadas por Costa (1986, p. 07) como um “[...] debate tímido, quando não medíocre, valorizando apenas os aspectos biológicos e reforçando os tabus e preconceitos que cercam a questão”. Louro (2014, p. 62) afirma que “a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”. A escola em si, seus arranjos, símbolos e espaços instituem sentidos e constituem sujeitos.

Como a adolescência é ressaltada por Costa (1986, p. 08) como “um período riquíssimo na vida de cada pessoa”, Traverso-Yépez e Pinheiro (2005) evidenciam a importância de se pensar este período considerando-se o contexto sociocultural em que este se inscreve, no caso deste estudo, na escola. Tendo a adolescência como um período não apenas de construções sociais, mas como uma etapa-chave para definição de um universo simbólico que gera um modo de pensar e agir subjetivo e individual.

Silva *et al.* (2007) afirma que o “[...] bem-estar é o grau em que cada pessoa julga a qualidade de sua vida favoravelmente como um todo[...]”, e uma ruptura em sentir-se psicologicamente bem “[...] pode estar associada a um mau manejo de eventos estressantes nas esferas pessoal, social ou cultural afetando comportamentos e influenciando na percepção de saúde do sujeito, trazendo sofrimento pessoal[...]” (p. 1113). Apesar de o autor apontar que não existem dados que comprovem a relação de bem-estar psicológico e fatores como gênero e idade, concorda sobre a relevância do estudo visando melhor qualidade de vida para a população atingida.

Neste sentido, buscamos com a problematização da cultura, questionar a organização baseada em práticas e discursos escolares predominantemente à luz da heteronormatividade. Espera-se, que a instituição escolar que nasceu normatizadora e disciplinar seja capaz de transpor os limites do conhecido e conseqüentemente consiga acolher a diversidade sexual que compõe o universo escolar contemporâneo. Assim, estará sendo desenvolvido um novo olhar sobre sexo e gênero na educação, que não separe o sujeito em partes, mas que o respeite como um todo.

2 O ADOLESCENTE E SUAS INSTÂNCIAS SOCIAIS

Quando nos propomos a falar sobre a adolescência, é necessário que estejamos abertos a olhar para os mesmos com uma visão muito mais ampla do que as tradicionais. Afinal, Becker (1993, s/p) afirma que “não existe uma adolescência, e sim várias”. Considerar o próprio conceito de adolescência como universal, já faz com que caiamos no determinismo de que todos somos iguais, nos desenvolvemos de forma igual, vivemos nos mesmos contextos e temos as mesmas culturas, mas isto não é verdade. O consenso que é possível observar sobre a adolescência, é que em nossa sociedade, este vem tornando-se um período cada vez mais logo e complexo. E enquanto de um lado há os que transpõem este período sem deixar-se abater e chegam a idade adulta, por outro lado a própria definição de adulto está se fragmentando nas contradições culturais que estamos vivendo (BECKER, 1993).

De acordo com o autor supra citado “Enquanto lida com seus conflitos interiores e mudanças corporais, o adolescente se encontra em uma sociedade contraditória e cuja complexidade gera muita confusão na sua cabeça” (BECKER, 1993). O seu desenvolvimento se defronta com uma cultura em intensa e constante mutação, com valores que se contrapõe com novas ideias e conceitos, sem que haja tempo suficiente para que tudo seja assimilado.

Muitos pesquisadores já tentaram compreender e explicar o percurso percorrido pelo adolescente em sua metamorfose, mas a verdade é que a adolescência é uma fase peculiar, vivida de forma subjetiva, acompanhada por um processo de maturação que vai além das mudanças físicas, pois é biopsicossocial (CONTI; GAMBARELLA; FRUTUOSO, 2005). Portanto, não há como separar os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais, e este é o grande desafio, pois estes aspectos são indissociáveis quando o assunto é a adolescência.

Parte-se do pressuposto de que para além da escola, há “[...] um conjunto extraordinário de espaços e instâncias sociais [...]” (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013, p. 07) que exercitam pedagogias capazes de ensinar formas de ser e de estar no mundo, sejam estas voltadas para crianças, adolescentes ou adultos. Louro, Felipe e Goellner (2013, p. 07) afirmam que, estas pedagogias “[...]marcam posições de sujeito;

estabelecem hierarquias, classifica, aprovam e desaprovam corpos e aparências; sancionam e penalizam comportamentos, gestos, atitudes”. Sob este aspecto, é imprescindível que façamos uma reflexão mais profunda sobre estas questões, afinal, vivemos na proposta de uma sociedade mais justa, livre e aberta.

2.1 ADOLESCÊNCIA E IMAGEM CORPORAL

Historicamente o corpo é visto como um elemento da natureza, menos nobre em oposição a elementos culturais, como se corpo e cultura fossem exteriores um do outro, e nesta lógica, aqueles que se ocupam com educação não estão preocupados com o corpo (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013), mas isto é só aparentemente. Pois de acordo com Louro; Felipe e Goellner (2013, p. 09) “Um olhar mais cuidadoso nos mostra que todos os processos educativos sempre estiveram – e estão – preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, jovens, homens e mulheres”. Portanto, os corpos são objetos de atenção de diversas instâncias culturais que produzem sujeitos sociais por meio de suas pedagogias, incorporando nos seus discursos o que é um corpo saudável, decente, bonito, entre outros.

A imagem corporal está associada as percepções do sujeito sobre si mesmo, bem como sobre as relações que este estabelece com os outros e com o mundo. De acordo com Frois, Moreira e Stengel (2011, p. 72), esta “compõe o processo identitário e formacional do adolescente”, trata-se de uma síntese de nossas experiências, ou seja, “compreender como o indivíduo constrói a imagem do corpo, como ele se vê e como se relaciona com o mundo, depende das vivências que ele tenha construído a partir de suas experiências desde o nascimento”.

Os referidos autores afirmam que, vamos incorporando ao nosso corpo sentidos e significações a partir dos nomes que recebemos durante a gestação. E que ao nascermos, apesar da influência dos pais e cuidadores, passamos a vivenciar novas sensações, possibilitando outras representações e significações para este corpo. Neste

sentido, cada experiência no mundo irá possibilitar novas referências, incorporando novas noções de si mesmo, do seu corpo em movimento.

Portanto, “as imagens do corpo vão sendo construídas e reconstruídas ao longo da vida do indivíduo, imbuindo-o de significações a partir das vivências que outras referências lhe apresentam” (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011, p. 72). Estamos falando de um processo gradativo que acontece ao longo da vida, e que necessita de constante reorganização.

Ciampo e Ciampo (2010, p. 55) ressaltam que, “embora a identidade de um indivíduo seja estruturada ao longo da vida, é durante a adolescência que diversas características, como sexualidade, crenças, desejos e objetivos de vida, se exteriorizam mais intensamente”, e a forma como este adolescente vê o seu corpo é uma premissa para a formação da sua identidade. Neste sentido, Costa e Machado (2014, p. 21) afirmam que a aceitação da imagem corporal é “[...] fundamental para o adolescente situar-se de forma segura no convívio com seus pares. Já a não aceitação do corpo gera dificuldades que poderão afetar as relações sociais e o processo de formação da identidade e da autoestima”.

A dinâmica do mundo no século XXI nitidamente discrimina indivíduos não atraentes. As mídias sociais são referências na divulgação e valorização do corpo perfeito, e esta busca intensa fez com que o corpo se tornasse objeto de consumo. Goldenberg (2010) confirma que no Brasil, determinado modelo de corpo é capital, sendo este um corpo magro, em boa forma, jovem e sexy, que seja capaz de dar superioridade aquele que o possui, conquistado com muito trabalho, sacrifício e investimento financeiro. Ressalta ainda que, neste sentido, muito além de capital apenas físico, o corpo é no Brasil um capital simbólico, econômico e social.

E o resultado, como não poderia ser diferente, é que “uma característica marcante da adolescência atual é a insatisfação com o próprio corpo” (CIAMPO; CIAMPO, 2010, p. 56). Com esta percepção negativa do próprio corpo, Ciampo e Ciampo (2010, p 56) alertam para as alterações no comportamento dos adolescentes, como “restrição ao uso de alguns tipos de roupas e frequência a locais onde possam exibir o corpo, indução à prática exagerada de exercícios físicos, modificações no consumo de alimentos “e dietas restritivas, indução de vômitos e consumo de álcool e

cigarros”. Portanto, a busca por uma imagem corporal adequada é um fenômeno de extrema importância na sociedade atual, pois acarreta em elevados custos financeiros e para a saúde, visto que as referências quase inatingíveis geram ansiedade estresse, insatisfação com o corpo e baixa auto-estima.

2.2 GÊNERO E ADOLESCÊNCIA

No que tange ao conceito de gênero, entende-se que consolidado na expressão relações de gênero, este carrega consigo a aceitação de que feminilidade e masculinidade transcendem a anatomia biológica sexual, significando as diversas redes que envolvem diferentes dimensões da vida. Considerando os processos de socialização como parte do percurso humano, as categorias de gênero são construídas pelos valores, atribuições, papéis e normas infrigidas pelas pessoas na interação que estabelecem entre os sexos.

Portanto, gênero pode ser considerado como o sexo social, ou seja, a relação que propõe a estruturação do indivíduo no mundo, e determina, de certa forma, suas escolhas, trajetórias, lugares, vivências, interesses e oportunidades ao longo da vida. Assim, o gênero vai sendo internalizado de acordo com aquilo que a sociedade exige, e o indivíduo torna-se um ser em-si³ quando deveria ser para-si⁴ (TRAVERSO-YÉPEZ; PINHEIRO, 2005).

Neste movimento de adaptação às normas da sociedade, o adolescente é visto por um âmbito biológico como maduro para estabelecer suas relações, mas por outro lado o exercer da sua função sexual é posto em questão pela crença da imaturidade psíquica, pois é na adolescência que são descritos os fenômenos de indefinição, confusão, hesitação e mal-estar.

A partir da abordagem feminista pós estruturalista, este é teorizado como “um construto sociocultural e linguístico” (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013, p. 18). Os mesmos afirmam que:

³ Para investigar o **significado** do **si** que a consciência projeta **ser**. Sartre inicia sua argumentação fazendo uma ressalva ao sentido próprio do **ser** que é identidade consigo, o em-**si**. ... Ele não pode **ser** identidade consigo enquanto designa um sujeito porque este seria tomado na forma do em-**si**.

⁴ O que está em si mas advém do outros, ou está no outro. Este outro individual ou social.

Neste contexto, o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade.

Assim sendo, o conceito de gênero nos apresenta uma percepção de que no decorrer da vida, por meio das diferentes instituições e práticas sociais, vamos nos constituindo como homens e mulheres em um processo que pode ser definido como progressivo, linear e harmônico, mas que nunca se finaliza ou se completa, pois estamos sempre em constante mudança. E por vivermos em tempos, lugares e circunstâncias diferentes, há diversas formas de se viver e definir a masculinidade e a feminilidade, afinal, a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos por meio de sua pluralidade. (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013).

E aqui adentramos em mais um desafio, o entendimento do gênero como sendo constituinte da identidade dos sujeitos. Louro (2014, p. 28) corrobora afirmando que:

Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias.

Neste sentido, o senso de pertencimento a distintos grupos – classes, étnicos, sexuais, de gênero, etc.- faz com que o sujeito se constitua e se perceba como se fosse impelido a diferentes direções. Logo, o gênero transcende o desenvolver de papéis, para fazer parte do sujeito, constituí-lo. E é necessário que possamos admitir que nesta perspectiva, as “[...] diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros, e são, também, constituintes dos gêneros”. Portanto, “a justiça, a Igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros, [...] são ‘generificados’- produzem-se, ou ‘engendram-se’, a partir das relações de gênero” (LOURO, 2014, p. 29), juntamente com as relações de classe, étnicas.

2.3 SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA

Costa (1986, p. 11) afirma que para o adolescente “As questões relacionadas ao comportamento sexual são as que mais provocam temores”, pois “[...] é muito difícil para o adolescente entender e aceitar naturalmente certas emoções que ainda não experimentou”. Tudo isto, porque o desconhecimento com relação à sexualidade ainda é uma realidade que provoca e reforça distorções, tabus, e preconceito. De acordo com o autor, podemos afirmar que vivemos em um regime de repressão sexual, onde um conjunto de regras, leis e valores representam o que a sociedade estabelece como sendo permitido ou proibido nas práticas sexuais. “não se fala em sexualidade infantil e não se permite sexualidade adolescente” (p. 20).

A adolescência é um período de transformação. De acordo com Davim (*et al.* 2009, p.132):

Do ponto de vista biomédico, a adolescência é considerada como uma fase do desenvolvimento humano de transição entre a infância e a vida adulta na segunda década da vida, marcada por transformações biológicas da puberdade e relacionada à maturidade bio-psico-social.

Estas transformações são essenciais, identificando esta fase como um período crítico que envolve definições – identidade sexual, profissional, valores, etc.- sujeitas a crises.

No que se refere a adolescência, Brêtas e Silva (2002, p. 3225) ressaltam que:

Acreditamos que a adolescência é um momento de (re)descoberta, por que acreditamos que a sexualidade é construída ao longo da vida, da história pessoal de cada indivíduo, desde sua infância, na teia de relações interpessoais que se estabelecem entre o indivíduo e o ambiente no qual vive, sendo permeado por ideologias e visões de mundo diferenciadas. Neste sentido Foucault (1987) refere que a sexual idade se constrói não apenas no biológico, mas principalmente no imaginário: a sexualidade se coloca não apenas no palpável, mas sim no discurso que sustenta o palpável, na ideologia subjacente aos padrões de "normal idade" impostas na convivência social.

E com relação a esta construção sexual, Costa (1986, p. 24) ressaltam que, “o papel sexual é a adaptação do indivíduo, de modo que ele possa aceitar para si mesmo e demonstrar aos outros sua adequação ou não aos valores sócio-culturais”. Exercer este papel social é cobrado da criança nas formas de como ela deve ou não se comportar, agir, reagir, segundo o seu sexo.

O fator mais importante neste processo é a família, pois é nos pais que a criança tem seu modelo de homem e mulher, bem como são eles que irão desoprimir ou reprimir as manifestações de sexualidade. Para o autor, ao impedir ou repreender estas manifestações, os genitores transmitem conotações negativas relacionadas a moral, e quando a criança ou adolescente sentir necessidade de experimentar sua sexualidade, o fará as escondidas, introjetando conotações negativas, podendo acarretar distúrbios sexuais na vida adulta.

Davim (*et al.* 2009, p. 133) ressalta que:

O desenvolvimento bio-psico-social e cultural do adolescente sofre influências de sua cultura e sub-cultura, da família e dos companheiros, sendo fator mais poderoso para determinar seu comportamento, a pressão dos grupos de pares. Soma-se a tudo isto, a carência de esclarecimentos sobre sexo e/ou constrangimento provocado pelo tema, fazendo com que os educadores sexuais e os pais desses jovens não assumam seu papel, vindo-se dessa forma, os mesmos iniciarem a atividade sexual no momento em que ainda não estão preparados.

De acordo com Costa (1986) a educação social é de extrema importância, mas também muito complexa, pois de um lado estão os adolescentes despreparados mas ávidos por informação, e de outro lado educadores e pais com medo de perder o controle. Neste sentido, seria mais inteligível se houvesse um entendimento que favorecesse diálogos para que cada um pudesse expor sua dificuldade com o tema, adotando uma postura mais honesta para ambas as partes.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta pesquisa utilizamos uma abordagem qualitativa, que de acordo com Marconi e Lakatos (2011) “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”. Ainda de acordo com os autores, este tipo de pesquisa “fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc” (p. 269). A partir dos objetivos apresentados, o método qualitativo permite uma análise de dados em seu conteúdo psicossocial, favorecendo a proposta inicial da pesquisa.

Como o problema aqui exposto busca compreender como os conteúdos sobre corpo, gênero e sexualidade são abordados nas instituições públicas de ensino e influenciam no desenvolvimento da identidade e bem estar psicológico dos adolescentes, seu método ocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, e por este motivo, qualitativamente “trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes” (MINAYO, 2000, 21-22, *apud* MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 271), ou seja, trata-se de relações e processos fenomenológicos que estão além da operacionalização das variáveis.

Quanto aos seus objetivos, esta pesquisa configura-se como sendo explicativa, que de acordo com Gil (2007, *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009) “preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (p. 35), neste caso, o bem-estar psicológico do adolescente.

Com relação ao método, este caracterizou-se como estrutural, que foi desenvolvido por Lévi-Strauss, e Marconi e Lakatos (2003) afirmam que:

O método parte da investigação de um fenômeno concreto, eleva-se a seguir ao nível do abstrato, por intermédio da constituição de um modelo que represente o objeto de estudo retomando por fim ao concreto, dessa vez como uma realidade estruturada e relacionada com a experiência do sujeito social (p. 111).

Neste sentido, para analisar a realidade de forma concreta e os fenômenos que a envolvem, o método estruturalista considera que há uma linguagem abstrata para compreender e analisar as experiências que a primeira vista seriam irreduzíveis e conseqüentemente não poderiam ser estudadas. Portanto, trabalha-se do concreto para o abstrato e vice-versa, não analisando os elementos em si, “mas as relações que entre eles ocorrem, pois somente estas são constantes” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 111), e o conhecimento vem da relação entre os fatos isolados, mas sim da relação que estes estabelecem na realidade em que se apresentam.

A coleta dos dados necessários para evidenciar as respostas ao problema da presente pesquisa foi realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica em livros e artigos disponíveis na internet e biblioteca da faculdade. A busca nos sites de pesquisa foram direcionadas para artigos que tivessem no seu resumo ou nas palavras chaves os conceitos de corpo, gênero e sexualidade atrelados a adolescência, a escola e/ou

educação. Para esta pesquisa, utilizou-se 13 artigos que contemplavam os temas de forma mais completa.

Marconi e Lakatos (2003, p. 183) corroboram afirmando que:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

Neste sentido, há uma abrangente quantidade de material que pôde ser usado para definir e problematizar o tema abordado, propiciando ao pesquisador novas percepções para se alcançar as conclusões necessárias.

4 ANÁLISE DO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE NA EDUCAÇÃO ATUAL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Atualmente, temas como corpo, gênero, sexualidade, educação, identidade e bem-estar, fazem parte de uma mesma sociedade, bem como são encontrados em um mesmo contexto, como a escola, por exemplo. De acordo com Traverso-yépez e Pinheiro (2005), ao serem configurados, os contextos específicos “repercutem de forma substancial nos processos de subjetivação de cada pessoa” (p. 148). Com isto, são evidenciadas e delineadas as possibilidades e limitações dos diferentes grupos sociais, estruturando as relações de gêneros e diferentes formas de viver.

Costa (1986, p. 07) corrobora afirmando que “o desconhecimento da sexualidade humana é uma realidade triste e desoladora entre nós, e as distorções provocadas pela falta de informação são passadas de pai para filho, levando o adolescente a percorrer caminhos penosos”, quando se fosse amparado por experiências gratas poderia ter uma vida mais sadia. Pois de acordo com o autor, é na fase da adolescência que “as brincadeiras e jogos da infância se transformam em descobertas e experiências fundamentais para o desenvolvimento emocional” (p. 08).

Assim, se as experiências vivenciadas neste período forem positivas, há um crescimento na autoestima, facilitando a disposição de vínculos de afeto fundamentais para uma vida sexual sadia. Todavia o que pode-se observar, é um número cada vez maior de adultos descontentes, que em sua maioria não receberam uma orientação adequada na adolescência, e conseqüentemente, bloquearam seu desenvolvimento emocional. O adolescente que percebe esta carga negativa por meio de indiferença ou mesmo educação repressiva, acaba por aprender de forma semelhante ao adulto mais próximo, alimentando a engrenagem que envolve insegurança e frustração (COSTA, 1986).

Costa (1986, p. 12) afirma que “É difícil ir ao encontro das reais necessidades e preocupações dos adolescentes”, e que “o despreparo do adolescente é evidente, e alguma coisa terá de ser feita pelos educadores e pelos pais. Ambos demonstram muito medo de começar a fazê-lo”. Cada dia fica mais evidente que o adolescente já não se mantém alheio às suas inquietações, pois “quer entender o que ocorre no seu organismo, as mudanças no seu corpo, o significado e a importância emocional dos primeiros namoros e outras descobertas relacionadas ao sexo” (COSTA, *loc.cit.*).

Frente a estes desafios, cabe a proposta de desenvolvimento de uma pesquisa à cerca dos assuntos corpo, sexualidade e gênero na construção da identidade, e a influência que estes têm no bem-estar psicológico do adolescente nas escolas. Para isto, seria propício que o pesquisador se inserisse no ambiente escolar com alunos desta faixa-etária, desenvolvendo um espaço de discussão e reflexão a cerca destes temas por meio de um grupo focal, objetivando compreender as percepções dos pesquisados.

No desenvolvimento de um grupo focal, “promove uma ampla problematização sobre um tema ou foco específico” (BACKES et al., 2011), neste caso o bem estar psicológico na adolescência, e a influência que este recebe das relações de gênero e sexualidade estabelecidas no desenvolvimento da identidade dentro da instituição de ensino.

O grupo focal é caracterizado por Backes et al. (2011) como:

[...] uma entrevista em grupo, na qual a interação configura-se como parte integrante do método. No processo, os encontros grupais possibilitam aos

participantes explorarem seus pontos de vista, a partir de reflexões sobre um determinado fenômeno social, em seu próprio vocabulário, gerando suas próprias perguntas e buscando respostas pertinentes à questão sob investigação (p. 438).

Neste sentido, o grupo focal aumenta o acesso que o pesquisador terá das informações sobre o fenômeno, pois faz uma análise da problematização gerando novas concepções por meio dos participantes. Portanto, o grupo focal torna-se um espaço propício para a troca de experiências a cerca da temática abordada, estimulando o debate e reflexão, pois pode ser utilizado para compreender o que as pessoas pensam, como pensam, e porque pensam desta forma.

Para tanto, sugere-se uma pesquisa baseada na observação participante que de acordo com Marconi e Lakatos (2010), facilita para que o observador ganhe a confiança do grupo, pois “ele se incorpora com o grupo, confunde-se com ele” (p. 177).

Mann (1970, p. 96 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2010) corrobora afirmando que, a observação participante é uma “tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de modo a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles” (p. 177). Esta forma de observação é utilizada principalmente em pesquisas qualitativas, mas é importante ressaltar que o observador precisa manter-se atento aos objetivos da pesquisa, pois exerce influência no grupo, e é influenciado por valores pessoais. Outra ressalva importante apresentada por Marconi e Lakatos (2011) é de que este tipo de observação não utiliza de instrumentos para além das habilidades exercidas pelo investigador, como por exemplo, responsabilidade, profissionalismo, ideologia e flexibilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É difícil descrever fielmente em palavras os complexos sentimentos e emoções que um adolescente experimenta ao sentir as mudanças do seu corpo. No mínimo, o impacto desta mudança pode ser considerado angustiante, afinal, a ideia que o mesmo

tem de si e da forma como se apresenta no mundo vai sofrendo profundas modificações.

Dentro de praticamente toda realidade em que o adolescente está inserido se encontram os temas da sexualidade, do corpo e do gênero. Há muito tempo os jovens veem reclamando acesso ativo a estes assuntos, mas as poucas mudanças que se efetivam acontecem de forma difusa e/ou contraditória. As respostas indiretas e evasivas já não são mais o suficientes. Os adolescentes já não aceitam o estado de silêncio que mais esconde ignorância e desconhecimento, estão buscando seus próprios valores.

Envolver-se com a adolescência é dedicar-se à compreensão até mesmo da rebeldia, afinal este é o período em que o sujeito tenta ser ele mesmo, muitas vezes desafiante, violento ou silencioso se agarra a um código moral que recusa a hipocrisia. Esta rebelião é capaz de intimidar pois carrega consigo o entendimento de que para se acessar o novo, é necessário que haja uma ruptura com o velho/arcaico, e isto gera resistências à mudança, seja a mudança do próprio adolescente, a mudança dos pais ou a mudança da sociedade.

Há uma necessidade eminente de conhecimento do adolescente, que justifica a abordagem da sexualidade e as questões ligadas ao desenvolvimento emocional e sexual de forma transparente, sem falsos pudores, criando um clima para o debate e a discussão para que o adolescente possa entender e aceitar naturalmente as emoções que ainda não experimentou, refletindo não somente sobre a própria vida íntima mas, todavia sua relação com o outro e com o mundo.

Neste sentido é que propõe-se a aplicação do projeto proposto na análise, pois é contraditório manter um véu misterioso frente a um assunto tão debatido nos meios de comunicação e na sociedade como um todo na atualidade. A escola pode e deve ser um ambiente que propicie não uma educação sexual, mas sim uma orientação e esclarecimento quanto a estas questões. Ressalta-se que a participação dos pais neste processo de descobrimento de si e do outro seria de grande valia para que estes possam reconhecer seus próprios preconceitos, superstições e tabus.

REFERÊNCIAS

BACKES, D. S; et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O mundo da saúde**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/88/10_GrupoFocal.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2018.

BECKER, D. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRÊTAS, José Roberto da Silva et al . Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 16, n. 7, p. 3221-3228, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000800021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2018.

CÉSAR M, R, de Assis; Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. **Educar**, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009. Editora UFPR. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/er/n35/n35a04.pdf> >. Acesso em: 02 mar 2018.

CIAMPO, L. A. D; CIAMPO I. R. L. D. Adolescência e imagem corporal. **Adolesc. Saude**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 55-59, out/dez 2010.

CONTI, Maria A; GAMBARDELLA, Ana M D; FRUTUOSO, Maria F P. Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes e sua relação com a maturação sexual. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo , v. 15, n. 2, p. 36-44, ago. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822005000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mai. 2018.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento**. São Paulo: L&PM Editores Ltda, 1986.

COSTA, S. M. B; MACHADO, M. T. C. O corpo e a imagem corporal em adolescentes: perspectivas a partir do cuidado integral à saúde. **Adolesc. Saude**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 19-24, abr/jun 2014.

DAVIM, et al. Adolescente/adolescência: revisão teórica sobre uma fase crítica da vida. **Rev. Rene**. Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 131-140, abr/jun. 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3240/324027966015/>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

FROIS, E; MOREIRA, J; STENGEL, M. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 16, n. 1, p. 71-77, mar. 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 jun. 2018.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D, T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOLDENBERG, M. **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Estação das letras e cores, 2010.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, G. L; FELIPE, J; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed, São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. Ed, São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6. ed, São Paulo: Atlas, 2011.

SILVA, et al. Bem-estar psicológico e adolescência: fatores associados. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n.23, v. 5, p. 1113-1118, mai/ 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.org/pdf/csp/2007.v23n5/1113-1118/pt> >. Acesso em 03 mar 2018.

SILVA, et al. **Sexualidade e adolescência**. Anais do Salão, 2009. Disponível em: < http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt4/gt4_27.pdf >. Acesso em 02 mar 2018.

SOARES, R. ADOLESCÊNCIA: monstruosidade cultural? **Rev. Educação e Realidade**, n. 25, v. 02, p. 151-159, jul-dez/2000.

TORRES, C, A; BESERRA, E, P; BARROSO, M, G, T; Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. **Esc Anna Nery R Enferm**, v. 11, n. 2, p. 296 – 302, jun/2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n2/v11n2a17.pdf> >. Acesso em 03 mar 2018.

TRAVERSO-YÉPEZ, M, A; PINHEIRO, V, S. Socialização de gênero e adolescência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 147-162, janeiro-abril/2005.